



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – UACS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**CICERA JAQUELINE DE LUNA**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ESPAÇO URBANO E NO RURAL NO**  
**MUNICÍPIO DE AURORA CEARÁ: UMA DISCUSSÃO**  
**METODOLÓGICA**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2013**

**CICERA JAQUELINE DE LUNA**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ESPAÇO URBANO E NO RURAL NO  
MUNICÍPIO DE AURORA CEARÁ: UMA DISCUSSÃO  
METODOLÓGICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de geografia do Centro de Formação de Professores de Cajazeiras – PB, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em geografia.

**Orientador:** Prof.. Ms. Rodrigo Bezerra Pessoa

**Linha de pesquisa:** Ensino de Geografia

**CAJAZEIRAS - PB**

**2013**



L961e Luna, Cícera Jaqueline de.  
O ensino de geografia no espaço urbano e no rural no município de Aurora Ceará: uma discussão metodológica / Cícera Jaqueline de Luna. - Cajazeiras, 2014.  
55p.: il.color.

Não disponível em CD.  
Monografia(Licenciatura em Geografia)Universidade Federal de Campina Grande,Centro de Formacao de Professores,2013.  
Contem Bibliografia.  
ISBN (broch.)

1. Geografia-estudo e ensino. 2. Formação de professores de geografia. 3. Ensino de geografia-Aurora-Ceará I. Pessoa, Rodrigo Bezerra. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 91:37

**CICERA JAQUELINE DE LUNA**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ESPAÇO URBANO E NO RURAL NO  
MUNICÍPIO DE AURORA CEARÁ: UMA DISCUSSÃO  
METODOLÓGICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de geografia do centro de formação de professores de Cajazeiras – PB, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em geografia.

**Orientador:** Prof. Ms. Rodrigo Bezerra Pessoa

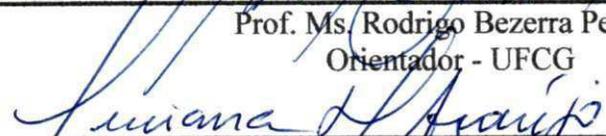
**Linha de pesquisa:** Ensino de Geografia

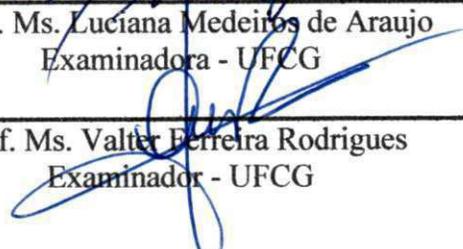
**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Monografia aprovada em: \_\_\_ / \_\_\_ / 2013

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Rodrigo Bezerra Pessoa  
Orientador - UFCG

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Ms. Luciana Medeiros de Araujo  
Examinadora - UFCG

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Valter Ferreira Rodrigues  
Examinador - UFCG

Ao meu **DEUS**, pela oportunidade de estar concluindo o Curso de Geografia e pela presença constante em todos os momentos da minha vida.

**Dedico**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** por mais uma conquista em minha vida, a **Ele** toda honra e toda glória.

Aos meus queridos pais, **Luiz** e **Socorro**, pela compreensão e apoio em todos os momentos.

A meu esposo **Paulo** e a minha filha **Millena**, pelo constante incentivo e apoio em todos os momentos dessa importante etapa da minha vida.

Aos meus avôs **Luiz, Adelina, Antônio e Joana**, aos meus tios e tias **Alencar, Onilson, Enilson, Almir, Ivan, Cicero, Angela, Alzerina e Darc**. Minhas primas **Vanessa, Cristina, Alexia, Sara e Rafaela** pelo incentivo e apoio.

Ao meu orientador **Prof<sup>o</sup> Rodrigo Bezerra Pessoa**, pelo o apoio, paciência e dedicação.

A minha turma de Geografia 2008.2, em especial as minhas colegas de curso **Vanessa, Halline Tavares, Aline Luzia, Juliana, Consolação, Edilânia, Micaelli, Jucinéia, Franciléia, Beatriz, Cecilia, Roberta, Jamiles e Renâgela** que estiveram ao meu lado nos momentos de aprendizagem.

As **escolas** visitadas, **Tabelião José Pinto Quezado e Antônio Amâncio da Cruz** que me receberam, com muita receptividade e abriram suas portas, facilitando a coleta dos dados, imprescindíveis para a fundamentação dessa pesquisa.

Enfim, a **todos** que de forma direta ou indiretamente contribuíram na construção deste trabalho.

Obrigada a todos!

**“Ensinar não é transferir conhecimento, mas  
criar as possibilidades para a sua própria  
produção ou a sua construção”.**

**(Paulo Freire)**

## RESUMO

A presente pesquisa propõe-se a fazer uma discussão metodológica sobre o ensino de geografia no campo e na cidade, refletindo sobre os fatores que levam os professores desses espaços a utilizarem em suas aulas uma metodologia tradicional, pautada na memorização e na reprodução do livro didático. Para atingir esse objetivo, promovemos, inicialmente, uma discussão teórica acerca da metodologia de ensino de geografia no espaço urbano e rural, buscando analisar se os professores no campo e na cidade relacionam o conteúdo com o cotidiano dos alunos, ou seja, se levam em consideração a especificidade do lugar como metodologia nas aulas de geografia. A seguir, promovemos uma análise sobre a interferência da formação docente na metodologia empregada nas aulas de geografia no campo e na cidade. Para a obtenção do resultado no presente trabalho, baseamo-nos em pesquisas empíricas realizadas em duas escolas do Município de Aurora-CE, sendo uma escola localizada no campo e outra na cidade. A referida pesquisa foi efetivada com os alunos do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental das escolas Tabelião José Pinto Quezado e Antônio Amâncio da Cruz, sendo que, a partir da observação do cotidiano escolar, foram aplicados questionários para os alunos e professores desses dois espaços, através dos quais buscamos debater sobre a metodologia de ensino de geografia e a interferência da formação docente na metodologia empregada, bem como fomentar discussões sobre os problemas presentes no ensino de geografia.

**Palavras-chave:** Metodologia. Ensino de geografia. Formação docente. Campo. Cidade.

## ABSTRACT

This research proposes to make a methodological discussion on the teaching of geography of the country and the city, reflecting on the factors that lead teachers to use these spaces in their traditional classes a methodology, based on memorization and reproduction of textbooks. To achieve this goal, we promote an initial theoretical discussion about the methodology of geography teaching in urban and rural areas, trying to analyze whether teachers of rural and urban relate the content with the daily lives of students, ie, are taken into account the specificity of the place as a methodology in geography lessons. Next, we promote an analysis of the interference of teacher training in the methodology used in geography lessons from the field and the city. To obtain the result in the present work, we rely on empirical research conducted in two schools in the city of Aurora-CE is a school located in the field and another in the city. That research was carried out with students of 7th and 8th grade of elementary school school Notary José Pinto Quezado and Antônio Amancio Cross, and from the observation of everyday school life, questionnaires were administered to students and teachers of these two spaces, through which we seek to discuss the methodology of teaching geography and interference of teacher training in the methodology, as well as fostering discussions about the problems present in the teaching of geography.

Keywords: Methodology. Teaching geography. Teacher training. Field. City.

## LISTA DE FOTOS

<b>FOTO 01</b> – Entrada da escola.....	28
<b>FOTO 02</b> – Entrada da escola.....	30

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 01</b> – Titulação profissional dos professores pesquisados.....	32
<b>TABELA 02</b> – Delineamento das Turmas.....	37
<b>TABELA 03</b> – Idade dos alunos.....	37
<b>TABELA 04</b> – A metodologia utilizada pelos alunos para estudar as provas de geografia.....	39
<b>TABELA 05</b> – A metodologia utilizada pelos professores de geografia da cidade e do campo.....	40
<b>TABELA 06</b> – Relação do ensino de geografia com a realidade/cotidiano dos alunos.....	43

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 01</b> – Gosto pela geografia.....	38
<b>GRÁFICO 02</b> – Campo, Cidade são assuntos discutidos nas aulas de geografia.....	42

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 UMA REFLEXÃO SOBRE A METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA NO ESPAÇO URBANO E NO RURAL.....</b>	<b>13</b>
2.1 UMA DISCUSSÃO METODOLÓGICA SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	13
2.1.1 <i>A importância do professor na metodologia de ensino.....</i>	<i>16</i>
2.2. O ENSINO DE GEOGRAFIA NO CAMPO E NA CIDADE.....	17
2.3. UMA DISCUSSÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE UTILIZAR A ESPECIFICIDADE DO LUGAR COMO METODOLOGIA NAS AULAS DE GEOGRAFIA NO ESPAÇO URBANO E RURAL .....	19
<b>3 A INTERFERÊNCIA DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NA METODOLOGIA EMPREGADA NAS AULAS DE GEOGRAFIA DO CAMPO E DA CIDADE.....</b>	<b>22</b>
3.1. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA DO CAMPO E DA CIDADE.....	22
3.1.1. <i>Os principais problemas relacionados ao processo de expansão do ensino superior no Brasil .....</i>	<i>25</i>
<b>4 ESCUTANDO O QUE OS PROFESSORES E ALUNOS TÊM A DIZER ACERCA DA METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA DO CAMPO E DA CIDADE.....</b>	<b>28</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS ESCOLAS.....	28
4.2 PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS APLICADA NA PESQUISA .....	31
4.3. A VISÃO DOS PROFESSORES DO CAMPO E DA CIDADE SOBRE A METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA.....	32
4.4. A VISÃO DOS ALUNOS DO CAMPO E DA CIDADE SOBRE A METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA.....	36
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surge da necessidade de compreender a metodologia de ensino de geografia no Ensino Fundamental das escolas da zona urbana e rural, tendo em vista analisar a interferência da formação docente na metodologia desenvolvida na sala de aula. Para que se possa assim verificar como essa disciplina vem contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e participativos na sociedade.

Constatamos que o ensino de geografia está cada vez mais distanciado da realidade dos alunos, ou seja, dos seus costumes, crenças e do próprio cotidiano. Os professores limitam-se, apenas, ao material didático descontextualizado e seguem uma geografia quase sempre tradicional.

Infelizmente a disciplina de geografia é normalmente identificada pelos alunos como disciplina chata e enfadonha, já que se apresenta muitas vezes como descritiva, pautada na memorização, o que se deve a fragmentação e as dicotomias existentes desde sua institucionalização como disciplina.

Há diversos problemas que são encontrados nas escolas brasileiras, entre os quais, a falta de interesse e o comodismo por parte dos professores, baixo salários, extensas jornadas de trabalho, confrontos políticos nas escolas, problemas metodológicos, a desqualificação na formação acadêmica. Esses dois últimos problemas são os mais percebidos nas escolas urbanas e rurais no Brasil.

Segundo Vesentini (2001) e Bueno e Silva (2008) esses são apenas alguns dos inúmeros motivos que cercam a realidade escolar atual, e porque não dizer o ensino de geografia praticado nas escolas brasileiras do campo e da cidade. Tudo isso contribui para que o processo de ensino-aprendizagem fique fragmentado e sem a possibilidade de articular aprendizado escolares (científicos) com saberes produzidos no cotidiano dos discentes.

Pensando essas questões, surge nosso objetivo que é discutir a metodologia de ensino de geografia nos espaços urbano e rural no município de Aurora, estado do Ceará, gerando uma reflexão sobre a interferência da formação docente na metodologia empregada nas aulas de geografia no campo e na cidade, partindo da nossa própria vivência em sala de aula. Desse modo, o sujeito da pesquisa foi os alunos e professores do sétimo e oitavo ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Tabelaio José Pinto

Quezado e Escola Infantil e Fundamental Antônio Amâncio da Cruz, situadas em Aurora – Ceará.

Para a realização do nosso trabalho, optamos além da pesquisa bibliográfica pela pesquisa de campo, realizadas nas escolas de ensino fundamental selecionadas para a análise. A coleta de dados foi feita com a aplicação de questionários com os alunos e professores, dada a necessidade de analisar como eles percebem a metodologia de ensino de geografia no campo e na cidade.

O método que utilizamos na pesquisa foi o materialismo histórico e dialético, que nos dá subsídios indispensáveis para a realização de um estudo mais aprofundado, pois através deste, podemos entender as transformações que vem ocorrendo na sociedade, especificamente na educação.

O método dialético é uma corrente de interpretação dos fenômenos sociais, e fornece estudos fundamentais sobre a interpretação da realidade. Esse método pode contribuir para uma maior compreensão da metodologia de ensino de geografia no espaço urbano e no rural, a partir do contato com o espaço concreto.

Logo, além de contribuir para a ciência geográfica, essa pesquisa pode ter uma importante contribuição na ampliação do conhecimento, permitindo mudança necessária no ensino de geografia, tanto do espaço urbano como do rural, tornando-se as aulas de geografia mais dinâmicas, participativas e significativas e não apenas de memorização e enfado.

Assim, a pesquisa foi estruturada nos seguintes capítulos:

O primeiro capítulo, que tem como título: **“Uma reflexão sobre a metodologia de ensino de geografia no espaço urbano e rural”**, sem a intenção de esgotar o tema, aborda a metodologia de ensino tradicional e a renovada, bem como o ensino de geografia no campo e na cidade e a importância de utilizar a especificidade do lugar como metodologia nas aulas de geografia, para tornar aulas mais participativas e prazerosas.

O estudo realizado neste capítulo nos possibilitou um viés para adentrarmos no assunto do próximo tópico, pois só estudando a metodologia de ensino de geografia no campo e na cidade, é que podemos nos deter de modo mais amplo à interferência da formação docente na metodologia empregada pelos professores do campo e da cidade, assunto debatido no capítulo seguinte.

O segundo capítulo, intitulado de: **“A interferência da formação dos professores na metodologia empregada nas aulas de geografia no campo e na cidade”** faz referência às principais reformas ocorridas no ensino superior ao longo dos tempos, e discute sobre as

consequências dessa formação docente na metodologia de ensino de geografia no campo e na cidade.

O terceiro capítulo, escutando o que os professores e alunos têm a dizer acerca da metodologia de geografia no campo e na cidade, apresenta o procedimento metodológico utilizado na pesquisa, o espaço no qual o trabalho se desenvolveu com suas principais características, apresentado os relatos dos professores e alunos, através dos resultados obtidos por intermédio da aplicação do questionário, referente à metodologia de ensino de geografia no campo e na cidade.

## 2 UMA REFLEXÃO SOBRE A METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA NO ESPAÇO URBANO E NO RURAL

### 2.1 UMA DISCUSSÃO METODOLÓGICA SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA

O ensino de geografia nas últimas décadas vem passando por profundas mudanças, principalmente em decorrência do processo de globalização. Visando à melhoria na qualidade do ensino. Essas mudanças se refletem no modo de ensinar, nos métodos utilizados na sala de aula, nos conteúdos e na relação professor e o aluno.

A escola é levada a construir novos caminhos para despertar o interesse dos alunos pela disciplina, deixando de ser um lugar de reprodução do conhecimento para ser um lugar de renovação de valores, de atitudes e de crenças, como nos afirma Pires (2009, p.57):

Nos últimos anos houve o afloramento da pluralidade dos modos de pensar, fazer e ensinar a geografia que redundaram numa grande produção acadêmica, baseada em debates, elaboração e implementação de propostas curriculares construção de novos materiais didáticos e de repensar no processo de ensino/aprendizagem da geografia escolar.

Apesar das grandes mudanças ocorridas no ensino escolar de geografia nas últimas décadas, mudanças essas que reflete no modo de pensar e ensinar a disciplina, o modelo da geografia tradicional escolar vem sendo reproduzido desde as suas origens até os dias atuais. Assiste razão a Pereira (1996, p.48) ao falar sobre a sua preocupação em relação ao fato de que “a disciplina de geografia é vista pelos alunos principalmente do ensino fundamental como uma disciplina chata, inútil e decorativa”.

Conforme preleciona Oliveira (1994, p.4), “o saber que vem sendo ensinado nas escolas, sobretudo de ensino fundamental e médio, ainda está muito longe de permitir aos jovens a compreensão do mundo em que vivem e muito menos ainda tem permitido abri-lhes horizontes para sua transformação”.

Nesse sentido, os alunos sentem-se desmotivados e desinteressados pelo fato de que o propósito da disciplina de geografia, em sua grande maioria, apresenta-se distanciado da sua realidade. De acordo com Oliveira (2006, p.16):

Essa situação é evidenciada ao encontrarmos professores que adotam em suas aulas conteúdo que quase invariavelmente, são analisados de forma isolada, seguindo a postura tradicional de alguns livros didáticos, e por isso mesmo adotam uma postura estaque do processo educativo, mostrando, assim, ser uma disciplina simplória inútil, sem nenhuma aplicação prática fora da sala de aula. Esse fato desperta nos alunos uma noção de inutilidade, gerando o desinteresse pelos estudos geográficos e conseqüentemente, acaba por distanciar os sujeitos do conhecimento de si, enquanto sujeitos sociais e construtores da história no que concerne à cidadania.

Até meados do século XX, a disciplina de geografia era baseada na descrição e na transmissão de conhecimentos. Os professores adotavam uma metodologia tradicional, pautada na reprodução dos conteúdos dos livros didáticos, associada ao uso de determinados materiais pedagógicos ou a aulas expositivas. Ambos fundados em uma relação autoritária entre professores e alunos. Essa metodologia leva os alunos à memorização dos conteúdos e a reproduzirem de forma mecânica as exigências dos professores e da escola, tornando as aulas de geografia chatas e tediosas.

Em razão disso, foram surgindo várias críticas sobre os métodos de ensino educacionais, levando os educadores a repensarem sobre a renovação no sistema de ensino de geografia escolar. Essa prática de ensino tradicional não estava conseguindo explicar as mudanças que a realidade vinha passando, tanto no campo político como no econômico, social e educacional. Como nos afirma Pessoa (2013, p.06):

As principais mudanças podem ser assim definidas: expansão do capitalismo monopolista; o planejamento econômico e o territorial já se definiam sob a ação do Estado, interferido na organização do espaço; a urbanização se expandia de forma acelerada; no campo, a industrialização e a mecanização das atividades agrícolas em várias partes do mundo se concretizavam no fenômeno da modernização da agricultura; o êxodo rural, em função da modernização do campo, contribuía para o crescimento das cidades.

Em virtude disso, os educadores começaram a refletir e questionar sobre essa prática de ensino. Com as modificações e reestruturação no sistema escolar ocorridas em meados de 1980, ao lado da metodologia de ensino tradicional, surgiram os métodos inovadores, outra metodologia de ensino utilizada pelos professores no campo e na cidade, como nos revela Vieira (2007, p.13):

[...] desde o início da década de 1980, o ensino de geografia tem passado por significativas inovações em seus currículos e programas em que o especialista da área tem buscado introduzir na área do ensino as renovações teóricas metodológicas sofridas pela ciência geográfica nos últimos anos.

Dessa forma, o principal objetivo do movimento de renovação da geografia nas escolas era melhorar a qualidade do ensino, sendo que a preocupação dos professores consistia em transformar as aulas expositivas em aulas expositivas dialogadas, onde professores e alunos expõem seus conhecimentos, opiniões e experiências vividas, havendo uma maior interação entre o aluno e o professor, contribuindo assim com o processo de construção do conhecimento. Segundo Cavalcanti (2003, p.191):

Quando o professor defronta-se com a realidade da geografia escolar e reflete sobre ela, ele pode distinguir dois tipos de disciplina, uma que é fruto de uma prática instituída, tradicional; outra que é uma prática alternativa, que já é realidade em muitos casos. De um lado, uma prática marcada por mecanismos já conhecidos: a reprodução de conteúdos, a consideração de conteúdos como inquestionáveis, acabados, o formalismo, o verbalismo, a memorização. De outro, algumas experiências e alguns encaminhamentos que começam a ganhar consistência; a consideração do ensino como construção de conhecimentos, a escola como síntese de cultura, de saberes, o professor como mediador no processo de formação (intelectual, efetiva, social) dos alunos, o aluno como sujeito de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social. O saber do aluno como dimensão do processo de ensino-aprendizagem. Nessa 'mistura' entre as práticas com base em seu repertório de saberes, é que o professor realizará seu próprio trabalho, seu ofício.

Contudo, as mudanças nos conteúdos no ensino de geografia têm como principal objetivo levar os alunos a perceber o mundo em que vivem, através de temas atuais ligados, sobretudo, a questões referentes a desigualdades e a problemas ambientais.

De acordo com Vesentini (1995, p.15):

O ensino de geografia não pode ser aquele tradicional baseado no modelo "a terra e o homem, onde memorizava informações sobrepostas (do relevo, clima, fusos horários, agricultura, cidades etc.) a respeito de alguns aspectos pré-definidos dos países ou continentes. [...] [também] [...] não é a que meramente substitui um conteúdo tradicional por outro já esquematizado e pretensamente revolucionário [...].

Essas mudanças no ensino de geografia estão levando os professores a utilizarem procedimentos didáticos, tais como: aulas expositivas dialogadas, estudos do meio, dinâmica de grupo, trabalhos dirigidos, debates e uso de computadores, os quais têm como objetivo conduzir os alunos, juntamente com os professores, a construir novos conhecimentos.

### *2.1.1 A importância do professor na metodologia de ensino*

É importante destacar a relevância do professor, quando se fala em metodologia de ensino, já que ele viabiliza por meio da metodologia a construção de conhecimento pelo aluno. Para Tapia e Fita (1999, p.11), “em cada momento deveremos utilizar a metodologia que nos pareça mais direta, mais eficaz ou enriquecedora e, sobretudo mais motivadora”.

Para alcançarem os objetivos esperados, é necessário que os professores de geografia, utilizem metodologias de ensino que despertem interesse e motivação em seus alunos a gostarem da disciplina, passem a ensinar através de métodos ainda não utilizados, trabalhando com temas do cotidiano, tornando as aulas mais dinâmicas e participativas.

Assim, os conteúdos precisam ser trabalhados mais especificamente por meios de debates, diálogos abertos, questionamentos e discussão sobre o tema relacionando ao cotidiano dos alunos, para que despertem curiosidade, interesse e o envolvimento destes nas discussões. O livro didático deve ser usado pelos professores de geografia como apoio para a construção do conhecimento. Como nos afirma Vesentini (2008, p.55):

Contudo, é possível manter uma outra relação com o livro didático. O professor pode e deve encarar o manual não como o definidor de todo seu curso de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como um instrumento que está a serviço dos seus objetivos e propostas de trabalho. Trata-se de usar criticamente o manual, relativizando-o confrontando-o com a realidade circundante. Em vez de aceitar a “ditadura” do livro didático, o bom professor deve ver nele (assim como em textos alternativos, em slides ou filmes, em obras paradidáticas, etc.) tão-somente um apoio ou complemento para relação ensino/aprendizagem que visa integrar criticamente o educando do mundo.

No entanto, outras metodologias podem ser abordadas na sala de aula. Dentre estas opções, destaca-se o trabalho em grupo que possibilita a ocorrência de confronto de ideias e melhora o processo de ensino e aprendizagem. Assim, os professores devem programar o trabalho em grupo, a fim de favorecer o enriquecimento das aulas.

O trabalho de campo e estudo do meio permite ao aluno a capacidade de coletar dados, observar e formular hipótese eficaz para a compreensão do espaço geográfico e associar a teoria à prática. Segundo Vesentini (1995, p.16):

[...] deve realizar constantemente estudos do meio (para que os conteúdos ensinados não sejam teóricos ou “livrescos” e sem real, ligado a vida cotidiana das pessoas) e devem levar os educando a interpretar textos, fotos, mapas, paisagens. E por esse caminho, e somente por ele, que a geografia escolar vai sobrevivendo e até mesmo ganhando novos espaços nos melhores sistemas educacionais.

Dessa forma, os professores precisam buscar uma solução para que seus alunos assimilem e compreendam o conteúdo ministrado, uma vez que a maneira de explicar o conteúdo aos alunos determina o sucesso da aula. Logo, é importante que os professores juntamente com os alunos trabalhem com diferentes instrumentos didáticos para que possam compreender o mundo na qual estão inseridos.

A maneira como os conteúdos são apresentados na sala de aula desperta o interesse e a curiosidade nos alunos, e irar motivá-los a gostarem da disciplina. Pode-se dizer que a relação entre o professor e o aluno na sala de aula, facilita e possibilita a exposição do conteúdo, e leva à aprendizagem. Essa relação envolve a afetividade, comunicação e o respeito entre ambos.

Para Queluz (1999, p.15), “o professor precisa estar preocupado com o aluno mais do que com o conhecimento a ser transmitido, com suas relações frente a esse consciente de suas responsabilidades nesse processo”.

Desse modo, é necessário estabelecer um vínculo de amizade, admiração e confiança entre professores e alunos, e cada um deve reconhecer sua função no processo ensino/aprendizagem.

## 2.2. O ENSINO DE GEOGRAFIA NO CAMPO E NA CIDADE

O ensino de geografia no espaço urbano e no rural se diferencia, essencialmente, no que diz respeito ao seu ambiente de estudo, uma vez que os professores de geografia das escolas rurais seguem o mesmo plano de conteúdo imposto para as escolas urbanas. No entanto, o programa de ensino e os manuais didáticos utilizados em ambos os espaços, retratam uma realidade distanciada da cultura do povo brasileiro.

Conforme preleciona Oliveira (2005, p.137) “o ensino de geografia nas escolas brasileiras é preocupante, pois a maioria dos livros didáticos, não tem acompanhado as transformações que a ciência geográfica vem sofrendo nos últimos tempos”.

Apesar disso, vários professores de geografia do ensino básico estão buscando novas estratégias pedagógicas para melhorar a qualidade do ensino. Procuram utilizar em suas aulas instrumentos mais eficazes para desvendar a realidade na qual estão inseridos.

Esses instrumentos facilitam a construção do conhecimento, e permitem aos alunos uma visão mais crítica e realista das interações campo-cidade, além disso, proporcionam a interligação entre o real e o abstrato, levando o aluno a participar da apropriação do conhecimento do espaço em que vive.

Desse modo, as escolas rurais nos últimos anos vêm passando por grandes avanços, principalmente no que diz respeito as metodologias utilizadas pelos professores para tornarem suas aulas mais construtivas. Apesar desses avanços na metodologia de ensino de geografia, a qualidade do ensino de geografia no espaço urbano e rural, ainda deixa muito a desejar.

O conteúdo trabalhado na sala de aula está distante da realidade local, ou seja, a geografia que é ensinada nessas escolas não leva nem os alunos, nem os professores a motivar-se, não desperta interesse nem curiosidade nos alunos. Diante disso, tanto o ensino da geografia tradicional, quanto o da geografia renovada, convivem simultaneamente no âmbito escolar desses dois ambientes distintos.

Atualmente, segundo Kolling (2002), os problemas da educação no meio rural, começam pela própria escassez de dados e análises sobre o tema, o que identifica o tipo de tratamento que a questão tem merecido, tanto pelos órgãos governamentais, como pelos estudiosos e pesquisadores. Mas, uma simples observação da realidade, combinada com algumas observações disponíveis, permite perceber vários problemas preocupantes tais como: a falta de recursos didático, de estrutura física e exerce de aluno por sala.

A partir dessa perspectiva, é importante que a educação crie meios para fortalecer e preservar a identidade do homem, preservando seus valores e sua cultura, para tornar um cidadão crítico, construtor da história, participando ativamente na sociedade. Nota-se hoje que as escolas rurais, na maioria das vezes, desenvolvem uma educação distante das necessidades da comunidade rural, reproduzindo em suas aulas vivências e ambiências urbanas, sendo responsável pela baixo rendimento no ensino escolar.

Como nos revela Moura (2009, p.47):

A educação do campo deve assumir de fato a identidade do meio rural, sua cultura e história, desenvolvendo práticas pedagógicas que valorizem os saberes sociais presente no rural, auxiliando através de um projeto político pedagógico comprometido com quem vive e trabalha no campo, fazendo uso de dinâmicas e metodologias que aproximem o educando ao lugar que estar inserida sua escola, valorizando os recursos, desafios e sonhos na busca de

melhorias na qualidade de vida, é essencial para que o camponês permaneça no campo.

Consoante ensinamento de Lucas (2008), o rural e o urbano possuem formas de vida diferenciadas, as práticas pedagógicas devem ser individualizadas, a fim de respeitar e valorizar o espaço no qual os alunos estão inseridos. Ao trabalhar essas diferenças metodológicas proporciona-se as superações de conflitos, conseqüências dos preconceitos próprios do ensino rural.

Contudo, segundo Callai (2003) e Kaercher (2002) as práticas de ensino nas escolas de nível fundamental e médio têm deixado a desejar, necessitando de atenção e investimentos que visem à melhoria no sistema escolar. Sendo que a geografia praticada em sala de aula, deve levar os educandos a compreenderem melhor o mundo e a sociedade em que vive.

Segundo Nunes (2004) muitos professores encontram-se desmotivados para entrarem em sala de aula, devido aos baixos salários pagos a falta de materiais didáticos e, sobretudo, ao descaso do poder público. Isso faz com que muitos docentes das escolas brasileiras na cidade e no campo, não busquem melhorar o seu desempenho como educador, reproduzindo dessa forma, um ensino meramente tradicional, utilizando apenas o livro didático como ferramenta pedagógica, e desprezando a realidade regionalizada nas quais os alunos estão inseridos.

### 2.3. UMA DISCUSSÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE UTILIZAR A ESPECIFICIDADE DO LUGAR COMO METODOLOGIA NAS AULAS DE GEOGRAFIA NO ESPAÇO URBANO E RURAL

Entendemos como Lugar a porção do espaço adequado para a vida, ou seja, como as pequenas ações do cotidiano, que caracterizam a vida do sujeito e sua relação com o espaço. Afirma Kaercher (1999, p. 168) que “O lugar é entendido como o espaço da vida de cada um, onde estão as referências pessoais e onde estão os sistemas de valores, elementos básicos para a construção da identidade pessoal”.

O conceito de Lugar vem sendo discutido ao longo dos tempos pelos variados campos do conhecimento, apresentado diferentes significados. Como nos revela Carlos (2007, p.18):

São os lugares que os homens habitam dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia,

flana, isto é pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso.

Contudo, a disciplina de geografia leva os alunos a um entendimento da dimensão espacial da sociedade, considerando o espaço vivido pelo aluno, valorizando os fatores culturais da vida cotidiana, permitindo ao aluno compreender a singularidade do seu lugar e dos diferentes lugares do mundo. Callai (2000 p.84 e 85) destaca a importância do estudo do lugar nas aulas de geografia:

Compreender o lugar em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro. Pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado independente (...). Estudar o lugar, portanto passa a ser um desafio constante para as nossas aulas de geografia.

É importante, pois, trabalhar a especificidade do lugar nas aulas de geografia, levando em conta o lugar e os espaços próximos dos alunos. Como nos afirma Cavalcanti (2005, p.68):

Neste, sentido, é relevante, ainda que não suficiente, para os professores de geografia enfrentar o desafio de se considerar, entre outras, a cultura geográfica, dos alunos. Na prática cotidiana, os alunos constroem conhecimentos geográficos. É preciso considerar esses conhecimentos e a experiência cotidiana dos alunos, suas representações, para serem confrontados, discutidos e ampliados com o saber geográfico mais sistematizado (que é a cultura escolar).

Essa metodologia de ensino possibilita aos alunos trazerem para dentro da escola experiências de vida, ou seja, conhecimentos de casa, conforme a sua realidade social, considerando, desta forma, os alunos como sujeitos críticos e ativos do processo de ensino. Kozel e Filizola (1996), ao discutir a cerca das metodologias para o ensino de geografia defendem que é necessário que se conheça a realidade mais próxima do aluno:

É a partir da observação do meio mais próximo do aluno, da sua localização, representação, que serão construídos os conceitos que permitirão a criança, compreender sua realidade e transformá-la. Aos poucos os níveis de abstração irão se ampliando. (KOZEL & FILIZOLA, 1996, p.37).

Segundo Oliveira (2005), o ensino escolar de geografia busca desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, compreender e pensar criticamente a realidade, levando-os a compreender o espaço produzido pela sociedade de hoje.

Conforme preleciona Castrogiovanni (2007), diante dessas questões, é importante ressaltar que, a disciplina de geografia ainda é considerada por muitos, como uma disciplina enfadonha e desinteressante. Para combater o desinteresse dos alunos é necessário inserir temas atuais, que fazem parte do dia-a-dia, ou seja, que leve em conta a especificidade do lugar, possibilitando uma interligação entre o conteúdo e a realidade. Para que os alunos se sintam importante e participante na resolução de um determinado problema.

A geografia ensinada nas escolas rurais e urbanas deve estar em constante relação com a realidade dos sujeitos, considerando o aluno e suas vivências. A partir do momento em que esses aspectos são observados e analisados, o aluno tem a possibilidade de apreender o conteúdo a partir de seu espaço vivido. Moura (2009, p.23) revela que:

A escola do campo hoje representa um lugar onde se produzem e reproduzem dinâmicas mais próximas as ambiências mais próximas as ambiências urbanas, em função das vivências dos educadores, o que leva a educação desenvolvida nessas escolas ao confronto entre os ensaios da instituição com o lugar. Esse conflito é sem dúvida, um dos responsáveis pela baixa qualidade da educação do campo.

Logo, os saberes são construídos através da vivência do educando nas ambiências próximas à escola, e esses saberes estão ligados à realidade do lugar onde se vive e ao cotidiano da escola. Por outro lado, o lugar, seus saberes e seus sujeitos, não fazem parte dos conteúdos trabalhados nas aulas de geografia das escolas rurais. Nota-se que são os saberes da realidade urbana que são priorizados e apresentados aos alunos. Por serem, em sua maioria, professores urbanos.

Portanto, o professor deve conhecer o contexto escolar em que está inserido, e buscar discutir temas relacionados à especificidade do lugar. Como nos afirma Cavalcanti (2002), o ensino de geografia escolar tem como finalidade básica de ação trabalhar o aluno juntamente com suas referências adquiridas nas escolas e sistematizá-la em contato com a sociedade, com o cotidiano para assim criar um pensar geográfico que leve em consideração a análise da natureza com a sociedade. Para que o processo ensino-aprendizagem ocorra de forma mais significativa.

Em vista disso e tomando por base as diferentes metodologias escolares no espaço urbano e no rural abordada no capítulo que aqui se encerra, será objeto de nossa reflexão no próximo capítulo analisar a interferência da formação dos professores de geografia na metodologia empregada na sala de aula.

### **3 A INTERFERÊNCIA DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NA METODOLOGIA EMPREGADA NAS AULAS DE GEOGRAFIA DO CAMPO E DA CIDADE**

A partir desse momento pretendemos fazer um breve resgate sobre a formação do professor de geografia no Brasil, destacando as principais reformas ocorridas dos anos 70 até os dias de hoje. Procurando dessa forma, compreender as transformações e as conseqüências do processo de expansão sofridas pelo ensino superior.

Acreditamos que para chegarmos ao nosso destino, que é analisar a interferência da formação docente na metodologia desenvolvida nas aulas de geografia pelos professores do campo e da cidade, precisamos realizar esse recorte temporal.

#### **3.1. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA DO CAMPO E DA CIDADE**

O final do século XX, e o início do século XXI, caracterizou-se por uma série de mudanças, principalmente no campo educacional, com objetivo de melhorar a qualidade do ensino escolar no campo e na cidade. Em meio a essas mudanças ocorridas, a escola se vê pressionada a repensar e reorganizar a sua prática pedagógica.

Nesse sentido, o fator principal para se chegar à qualidade do ensino escolar no espaço urbano e rural é melhorar a formação do profissional docente. Com isso foram criadas varias reformas, sendo que, a formação de professores foi a mais atingida e prejudicada.

Consoante Palma Filho (2004), as reformas e a reestruturação do ensino superior, provocaram uma separação entre os cursos de bacharelado e o de licenciatura. Houve um empobrecimento tanto da parte específica quanto da parte pedagógica, uma vez que a carga horária destinada aos conteúdos pedagógicos é insuficiente para permitir uma formação adequada.

De acordo com Pontuschka e Paganelli e Cacete (2009, p.91):

Por outro lado, na universidade pública, bacharelado e licenciatura têm-se constituído, no decurso da historia, como cursos separados, com pouca ou nenhuma relação entre si. Nesse caso, a licenciatura aparece numa situação de inferioridade, ou seja, curso técnico-científico ganha maior importância, enquanto a licenciatura caracteriza-se como um curso complementar e secundário.

Como podemos destacar, um pouco antes de 1970, a ditadura militar reformulou o sistema escolar e implementou uma enorme crise e a desvalorização da carreira docente. Por este motivo, os cursos de formação docente, historicamente, têm sido considerados e tratados como cursos de “segundo escalão”, inferiores, sem tanta relevância.

Segundo Vesentini (2006), os professores das escolas fundamentais e média do campo e da cidade no Brasil têm sido visto, pelo menos nas últimas três décadas, e infelizmente, até hoje como um, despreparado sem capacidade de gerir seus próprios saberes, como alguém que ganha pouco porque não trabalha ou não exerce uma atividade de fato importante. Como nos revela Vesentini (2006, p.236):

Mas, se por um lado todos os professores, em geral, perderam prestígios e rendimento, por outro lado é inegável que o professor de geografia foi um dos mais atingidos não porque passou a ganhar menos do que os demais, e sim porque houve uma diminuição da carga horária da disciplina e uma depreciação no seu status dentro da escola. Não aprovar um aluno em geografia, por exemplo, era nos anos 1950 ou 1960 algo tão normal ou aceitável quanto em Matemática; mas a partir dos anos 1970 pouco a pouco, foi se tornando socialmente intolerável, uma verdadeira afronta aos valores vigentes (‘como alguém pode pensar em reter um aluno nessa disciplina tão sem importância?, ouvimos, com frequência, no período em que lecionamos no ensino médio; e muitos depoimentos de professores que lecionam atualmente nesse nível deixam claro que esse tratamento desigual das disciplinas ainda é uma realidade nas escolas brasileiras ).

Pontuschka e Paganelli e Cacete (2009), afirmam ainda que, uma das conseqüências mais graves da Lei nº 5.692/71, diz respeito à tentativa de eliminação da geografia (e também história) do currículo escolar, e a criação de estudos sociais para substituir geografia e história. Essa lei foi imposta de forma autoritária e tinha por verdadeiro objetivo transformar essas disciplinas em matérias inexpressivas no interior do currículo e, ao mesmo tempo, fragmentar mais ainda os respectivos conhecimentos. Em função disso, houve uma significativa alteração na demanda relativa à formação de professores para atender as diferentes séries do antigo ensino escolar.

Tal situação começa a mudar no início da década de 70 do século XX. A partir desse período, o país assiste a um processo de expansão no ensino superior, com o estabelecimento do modelo das licenciaturas curtas polivalentes, resultado da necessidade de democratizar o acesso a este nível de ensino a toda a população brasileira.

Logo, começaram a surgir iniciativas e tentativas de mudanças no ensino de geografia escolar do campo e da cidade, mudanças nos modos de fazer e pensar a geografia escolar, e o

movimento de valorização da formação docente, do sistema de ensino e dos professores da educação básica.

Conforme preleciona Vesentini (2006), o processo de expansão do ensino superior no Brasil, caracterizando-se como lócus institucional da formação de professores para as escolas básica do campo e da cidade, deu-se pela via de privatização, com o predomínio de instituições isoladas. As faculdades privadas multiplicaram-se no final dos anos 60 e início dos anos 70, ocorrendo uma expansão acelerada, para a melhoria do acesso ao ensino superior. A referida lei contraria a anterior, uma vez que a da Reforma do Ensino Superior (Lei nº 5.540/68) instituíra sob forma de universidade que o ensino superior deveria ser organizado.

Em vista disso, novas preocupações foram surgindo a partir da década de 1980, para melhorar a qualidade do ensino escolar de geografia no espaço urbano e rural, propondo novas dinâmicas de trabalho por parte dos professores. Cabe ainda salientar que esse processo expansionista no ensino superior desenvolveu-se mais rápido, após a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, com a implantação de uma nova política educacional, que desencadeou um processo de reformulação e inovação profunda no âmbito da formação do profissional docente.

O principal resultado desse processo foi o significativo crescimento do sistema de ensino superior no Brasil. A expansão ocorreu no campo das instituições privadas, onde foi registrado um crescimento acelerado de matrículas, e um aumento no número de vagas ocorrido nessas instituições durante essa década, retomando, desta forma, as taxas de aumento no número de vagas ocorrido no início dos anos setenta.

Para argumentar tal fato, certifica Pontuschka e Paganelli e Cacete (2009, p.93):

Do ponto de vista das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos superiores de graduação, percebe-se uma mudança significativa nos referenciais necessários a organização curricular desses cursos. Em lugar de uma listagem de disciplinas obrigatória concebidas como mínimos curriculares e com as respectivas cargas horárias lógica que presidiu, durante muitos anos, as políticas de estabelecimento do currículo dos cursos superiores, o novo modelo orienta para o estabelecimento de linhas gerais capazes de definir um conjunto de competências e habilidades que deverão compor o perfil do profissional a ser formado.

Como pode ser visto, o elemento estruturante dos cursos passa a ser o projeto pedagógico, elaborado pelas próprias instituições de acordo com as habilidades definidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, que orienta e seleciona os conteúdos de todas as áreas

de conhecimento. Esse processo direcionou o curso de graduação para três categorias, bacharelado acadêmico, profissional e licenciatura.

Pontuschka e Paganelli e Cacete (2009, p.239) afirmam que:

O curso superior de geografia não deveria enfatizar essa diferença entre bacharelado e licenciatura e muito menos subestimar a formação do professor. Formar especialistas é uma atribuição dos cursos de pós-graduação (ou de especialização) e não de graduação. E o geógrafo (professor ou não, pois essa diferença no fundo é ou deveria ser pouco importante) deve ter uma formação completa na sua área, estando apto e dar aulas no ensino elementar ou médio, e a exercer outras atividades nas quais a sua presença costuma ser requisitada: análise ambiental, turismo, planejamentos etc.

Segundo esses autores, é necessário que o curso de geografia desenvolva nos alunos a capacidade de aprender, de observar, de pesquisar e de refletir por conta própria. É fundamental que esses alunos acompanhem debates e novos temas, possibilitando, desta maneira, formar um bom profissional, o qual poderá lecionar, ou se integrar a uma equipe que atue em outra atividade.

No próximo item, faremos uma breve análise sobre os problemas pelo qual o ensino superior de geografia vem passando, após o movimento de expansão ocorrido nas últimas décadas e os possíveis impactos causados no ensino escolar do campo e da cidade.

### *3.1.1. Os principais problemas relacionados ao processo de expansão do ensino superior no Brasil*

O processo de expansão do ensino superior no Brasil é preocupante, principalmente para o Governo Federal. Devido ao rápido crescimento de cursos e o aumento de números de alunos matriculados nos últimos anos. Dessa forma, o Brasil não estava preparado para acomodar esse enorme crescimento, e para atender a demanda para este nível de ensino. A preocupação incide, principalmente, na qualidade do ensino e na formação dos docentes, uma vez que a má formação de professores pode causar um efeito em cadeia, atingindo e prejudicando a formação escolar dos educandos, seja do campo ou da cidade.

Para Sobrinho (2010), o aumento das Instituições de Ensino Superior (IES) nas últimas décadas confrontou o Governo Federal, com a necessidade de assegurar que as instituições dispunham da infra-estrutura adequada à formação, e de corpo docente

devidamente preparado. Esse aumento de cursos num curto espaço de tempo trouxe vários problemas, especialmente no que se refere à qualidade do ensino, como exemplo, vale citar, as precárias instalações físicas, a falta de capacitação de professores, alguns sem formação adequada ao ensino superior e cursos com baixos níveis de exigência acadêmica. A forma de expansão do ensino superior se traduziu numa oferta de formação que não garantia em algumas instituições os padrões mínimos de qualidade. De acordo com Vesentini (2007, p. 235):

[...] a formação dos professores de geografia é freqüentemente problemática, pois existem muitos cursos superiores dessa ciência (e também – isto é, corpo docente qualificado, com mestrado e doutorado, laboratórios e bibliotecas razoáveis, ônibus para excursões etc. – e, para completar, qualquer um julga que pode lecionar essa disciplina: uma boa parte dos docentes de 5ª e 8ª series do ensino fundamental e do ensino médio não possui uma formação na área, sendo estudantes (de diversos cursos) ou sociólogos, historiadores, advogados, engenheiros, geólogos, teólogos etc. esse é um dos fatores – juntamente com sobrecarga de aulas e os baixos salários, elementos que fazem que o professorado em geral disponha de pouco tempo para preparar cuidadosamente as suas aulas lições – que explicam porque a geografia escolar tradicional ainda predomina nas escolas brasileiras de nível médio ou fundamental.

Na primeira década do século XXI, o ensino superior público recebeu maior atenção por parte do Governo Federal que criou várias ações, tais como, programas de apoio a planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) em 2007, e o Programa Universidade para todos (PROUNI) em 2004, objetivando, deste modo, ampliar o acesso e a permanência do estudante no ensino superior.

Outro mecanismo criado pelo governo no caminho da expansão foi o ensino a distancia (EAD), visto como um elemento problemático na expansão do ensino superior, devido à maior visibilidade em razão dos inúmeros pólos espalhados pelo país e pelas péssimas condições da qualificação dos profissionais docentes.

Contudo, nota-se que a formação de professores de geografia ainda deixa muito a desejar. Os professores mais antigos que trabalham nas escolas do campo e da cidade possuem uma visão descritiva e fragmentada, relacionada à geografia que estudaram há muitos anos, enquanto os professores que começaram a lecionar mais recentemente sofrem o efeito de muitas vezes ter tido uma formação precária.

Assim, problemas de diversas ordens dificultam o ensino de geografia nas escolas urbanas e rurais da atualidade, tais como, carga horária excessiva, ausência de materiais

tecnológicos, baixos salários, excesso de aluno por sala, falta de estrutura física, desvalorização da geografia e deficiência da formação dos professores. Logo, esse último aspecto relacionado à formação docente é o mais problemático.

Nessa perspectiva, Nunes (2004, p.152) aponta, que:

[...] a maioria dos professores encontra-se desmotivado e apresenta baixos rendimentos: assim, continua reproduzindo formulas antigos como receituários, ficando então, entre seguir o livro didático (com cadernos de atividades, plano de curso e avaliações) ou seguir programas oficiais que listam conteúdos para todo o território nacional, desprezando as realidades regionalizadas, nas quais os alunos estão inseridos, como por exemplo, a elaboração dos parâmetros Curriculares Nacionais, como uma Educação (MEC) que promove a “modernização” das escolas brasileiras.

Conforme o entendimento acima esposado pelo autor, ainda predominam aulas meramente informativas, desvinculadas completamente da realidade dos alunos. Talvez se justifique por este procedimento ser mais cômodo e menos trabalhoso do que um trabalho criativo e participativo que exija um maior envolvimento do aluno e professor com o tema. A ausência de metodologias críticas está levando os alunos a um desinteresse nas aulas desta disciplina

Como nos afirma Kaercher (2003, p.175) “[...] o ensino de geografia ainda é muito tradicional e fragmentador da realidade, parecendo pouco interessante e pouco útil para seus alunos [...]”.

Portanto, a péssima formação docente e a carga horária excessiva levam os professores de geografia do ensino básico do campo e da cidade, a adotarem nas suas aulas uma metodologia tradicional pautada na observação, descrição e na reprodução do livro didático, cabendo apenas memorizar os conteúdos, sem levar em consideração a realidade local dos alunos.

## 4 ESCUTANDO O QUE OS PROFESSORES E ALUNOS TÊM A DIZER ACERCA DA METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA NO CAMPO E NA CIDADE

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS ESCOLAS

Na concretização da pesquisa, foram selecionadas duas escolas uma no campo e outra na cidade. São as seguintes as escolas participantes de acordo com a ordem de aplicação do questionário:

#### **Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Tabelaio José Pinto Quezado.**

A pesquisa foi realizada em duas escolas, sendo que a primeira foi desenvolvida na Escola de Ensino Fundamental e Médio Tabelaio José Pinto Quezado, pertencente à rede pública Estadual de Ensino do Ceará. Também chamada pela maioria da população de Aurora-CE, como “Estadual”. A referida escola se encontra localizada na Vila Paulo Gonçalves, S/N.



Foto nº 1: (Entrada da Escola)  
Fonte: Jaqueline Luna (2012)

A escola foi Fundada, em 17 de março de 1975, no governo de Dr. César Filho, inaugurada pelo Deputado Januário Feitosa, em homenagem ao Tabelião José Pinto Quezado, tendo a Prefeitura Municipal doado uma área de 10.000 m<sup>2</sup> para a construção da referida escola.

Em 1982, passou a ser reconhecida por Escola de 1º e 2º graus Tabelião José Pinto Quezado e por força do decreto lei N° 26.016, datado de 29/ 09 /2000, passou a ser nomeada de E.E.F.M. Tabelião José Pinto Quezado, vigorando até os dias atuais. A escola dispõe de seis salas de aula, uma biblioteca, uma sala de informática, uma cantina, um laboratório de ciências, uma sala da direção e uma sala para os professores.

A quantidade de Professores em exercício da docência (efetivos e temporários) é: 26 (vinte e seis), sendo que, 21 (vinte e um) são temporários e apenas 5 (cinco) efetivos. A quantidade de alunos matriculados na escola é 779 (setecentos e setenta e nove).

A escola promove a participação da comunidade escolar, na busca de melhoria de resultados para as avaliações (SPAECE, ENEM, IDEB E VESTIBULARES). A taxa de aprovação nessas avaliações aumenta anualmente. Destaca-se o aumento de 68% (sessenta e oito por cento) para 75% (setenta e cinco por cento) do índice de estudantes da mencionada escola aprovados nos vestibulares das universidades da região.

Para a realização da pesquisa na mencionada unidade de ensino, foram ouvidas duas turmas, sendo uma do sétimo ano e outra do oitavo ano do ensino fundamental no turno da manhã.

### **Escola Ensino Infantil e Fundamental Antônio Amâncio da Cruz.**

A segunda escola selecionada para a concretização da pesquisa foi a Escola de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Amâncio da Cruz. A referida escola se encontra localizada na zona rural do município de Aurora Ceará, no distrito do Tipi, e atende fundamentalmente aos alunos residentes nas comunidades rurais próximas ao distrito.



Foto n°. 2: (Entrada da Escola)  
Fonte: Jaqueline Luna (2011)

A escola foi construída no decorrer do ano de 1999. Com a estrutura física inacabada, a referida unidade escolar começou as aulas no dia 03 de fevereiro de 2000, funcionando no turno matutino com a modalidade do ensino fundamental I e no turno vespertino com a modalidade do ensino fundamental II, sendo que a 8<sup>o</sup> série instalada nesta unidade trata-se de uma extensão da escola Tabela José Pinto Quezado, juntamente com uma sala do tele curso do 2<sup>o</sup> grau.

A escola Antônio Amâncio da Cruz é composta por quatro salas, dois banheiros um feminino e outro masculino, uma quadra, uma cantina contendo um depósito para armazenar materiais de limpeza, uma sala de informática, com outro depósito para guardar os livros e uma diretoria com um banheiro para os professores e outro pequeno depósito para armazenar a merenda escolar.

A escola possui 237 (duzentos e trinta e sete) alunos matriculados, sendo 118 (cento e dezoito) no período da manhã, que corresponde às turmas do 1<sup>o</sup> ao 4<sup>o</sup> ano, e 119 (cento e dezenove) no período da tarde que corresponde às turmas do 5<sup>o</sup>, 6<sup>o</sup>, 7<sup>o</sup>, 8<sup>o</sup> e 9<sup>o</sup> ano.

Para a efetivação da pesquisa na referida escola, foram ouvidas duas turmas, sendo uma do sétimo ano e outra do oitavo ano do ensino fundamental no turno da tarde.

## 4.2 PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS APLICADA NA PESQUISA

Numa perspectiva de debater a metodologia de geografia no espaço urbano e rural, o presente estudo tem como objetivo principal analisar as metodologias de ensino de geografia nos espaços urbano e rural, nas escolas fundamentais Antônio Amâncio da Cruz e Tabelaio José Pinto Quezado no município de Aurora-CE, gerando uma reflexão sobre a interferência da formação docente na metodologia empregada nas aulas de geografia no campo e na cidade.

Nesse sentido, procuramos investigar a metodologia de ensino de geografia no campo e na cidade a partir da visão dos professores e alunos, que conseqüentemente irão nos ajudar a trazer respostas para as seguintes indagações: Qual metodologia os professores no campo e na cidade utilizam nas aulas de geografia, para que os alunos aprendam os conteúdos propostos? Como esses conteúdos são apresentados aos alunos? As formações dos professores desses dois espaços interferem na metodologia utilizada nas aulas de geografia? Os professores levam em consideração as especificidades do lugar?

Esses e outros questionamentos citados anteriormente nortearão a pesquisa e servirão de base para o alcance dos objetivos propostos.

Dessa forma, para a realização do presente trabalho, optamos pela pesquisa de campo a ser realizada nas respectivas escolas estaduais de ensino fundamental selecionadas para essa pesquisa. A coleta de dados foi feita com a aplicação de questionários, para os professores e alunos do 7º e 8º ano do ensino fundamental do campo e da cidade.

Com relação à escolha do formato das perguntas contidas no questionário destinado ao professor, consideramos mais adequada para a pesquisa, a utilização de questões subjetivas (abertas), sendo que nesse tipo de questão o entrevistado fica livre para responder com suas próprias palavras os questionamentos propostos. Quanto às perguntas destinadas aos alunos, preferimos utilizar, em sua grande maioria, questões fechadas, de múltipla escolha.

Buscamos com isso, compreender a visão dos entrevistados a respeito da metodologia de ensino de geografia, coletando informações de professores e alunos, para que possamos refletir sobre o ensino de geografia nos espaços urbano e rural do município de Aurora-CE.

#### 4.3. A VISÃO DOS PROFESSORES DO CAMPO E DA CIDADE SOBRE A METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA

Com o intuito de fazer uma análise sobre a metodologia de ensino de geografia do campo e da cidade, aplicamos questionários aos professores de geografia do ensino fundamental da *Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Tabelaão José Pinto Quezado*, localizada na zona urbana e da *Escola de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Amâncio da Cruz*, situada na zona rural do município de Aurora- CE. Os dados a seguir transcritos, foram obtidos por meio dos questionários aplicados aos docentes de geografia, atuantes nas referidas unidades, resultando na construção do quadro abaixo.

**QUADRO – 01: Titulação profissional dos professores pesquisados**

<b>Professores</b>	<b>Escolas que ensinam</b>	<b>Local</b>	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Graduação</b>
<b>P1</b>	Tabelaão	Cidade	Feminino	28	Licenciatura em Geografia
<b>P2</b>	Antônio Amâncio	Campo	Feminino	42	Licenciatura em Geografia

Fonte: Pesquisa “in loco” (2013).

Como se observa no quadro (01), as duas professoras são licenciadas em geografia, sendo que P1 (professora 1) leciona na escola Tabelaão José Pinto Quezado localizada na cidade, a P2 (Professora 2) ensina na escola Antônio Amâncio da Cruz, localizada na zona rural. Vale salientar que as duas professoras ingressaram nas escolas fundamentais por meio de concurso público.

Então, como foi citado acima, o instrumento utilizado para a coleta dos dados acerca da metodologia de geografia do campo e da cidade, foi um questionário (apêndice 1) aplicado nas escolas, campo de pesquisa. Os questionários foram revisados e analisados pelos pesquisados e durante a aplicação, os professores ficaram acompanhados para que não houvesse qualquer tipo de dúvida com relação às questões.

Perguntamos às professoras: **Você se sente feliz em ser professor (a) de geografia?** Conforme a pergunta, obtivemos as seguintes respostas.

*“Sim, na qualidade de professora de geografia, sinto-me realizada profissionalmente, apesar de ser esta profissão muito desvalorizada. Acho que no dia-a-dia você vai adquirindo mais experiências e descobrindo a importância de seu trabalho para a humanidade”. (P1, Cidade).*

*“Sim, pois ensinar geografia é compreender o mundo para obter informações a seu respeito, isto é conhecer o espaço produzido pelo ser humano e a nossa relação com a sociedade e natureza”. (P2, Campo)*

Entende-se que a motivação em ser professor de geografia é algo presente nos depoimentos dos docentes, P1 e P2. Logo, para P1. *“Sim, na qualidade de professora de geografia, sinto-me realizada profissionalmente, apesar de ser esta profissão muito desvalorizada (...)”*. A desvalorização docente é algo encontrado e discutido por muitos professores nas escolas brasileiras. Um dos principais problemas encontrados nas escolas urbanas/rurais é a longa jornada de trabalho, já que muitos professores, em sua maioria, necessitam lecionar em outras escolas para completar os baixos salários que auferem.

Do mesmo modo, mostrou-se bastante pertinente a resposta de P2 quando nos diz: *“Sim, pois ensinar geografia é (...) conhecer o espaço produzido pelo ser humano e a nossa relação com a sociedade e natureza”*. E nesse espaço que acontece às relações entre natureza – homem – sociedade. Como nos afirma Kaercher (2004, p.20):

Pensar o ser humano, implica pensar nos espaços que habitamos e transformamos permanentemente para que nossa existência possa acontecer, continuar. Existir implica, necessariamente, fazer geografia, transformar a natureza em espaços cotidianos: prédios, estradas, plantações, fábricas, etc. para que possamos existir precisamos fazer geografia, transformar a natureza. Transformando-a, fazemo-nos ‘civilização’.

Para uma análise sobre a motivação dos docentes quando da escolha da profissão, continuaremos nossa pesquisa mediante o seguinte questionamento feito às professoras de geografia: **porque você escolheu essa profissão?** Vejamos alguns depoimentos.

*“Sempre gostei de ensinar”. (P1, Cidade).*

*“Já brincava de ser professora quando criança então fui crescendo e me adaptando ao meio. Hoje exerço essa profissão com amor sempre na busca da construção do conhecimento e formação crítica de nossos alunos”. (P2, Campo).*

Nessa pergunta, os docentes P1 e P2 responderam que sempre gostaram de ensinar por isso exercem a docência. Sobre o ato de ensinar, Callai (1995, p.131) afirma:

Ensinar é conduzir um trabalho que coloque aos alunos as informações, as diversas possibilidades de encontrá-las e oportunizar-lhes os instrumentais metodológicos para que possam organizar/construir seu próprio conhecimento. É no fundo fazer a mediação do trabalho do aluno com o saber.

Segundo o autor, ensinar exige hoje muito mais que saber o conteúdo, é necessário ser competente, ter domínio da disciplina, utilizar metodologias renovadoras, planejar as aulas, motivar os alunos, ter bom relacionamento com os educandos e buscar crescimento profissional.

Nessa perspectiva, perguntou-se aos professores: **Qual a sua opinião em relação a sua formação docente?** Conforme a interrogação, os docentes responderam.

*“No momento estou cursando o curso de geografia na UFCG, ser professor é uma profissão muito importante, porque estamos ensinando, ou seja, transmitindo algo para varias pessoas”. (P1, Cidade).*

*“Minha formação docente foi muito boa, cursei geografia na URCA [Universidade Regional do Cariri], pois educar, missão árdua, porém sublime. Então procuro desenvolver todas as potencialidades de cada um, respeitando sua liberdade individual”. (P2, Campo).*

Como podemos observar nos depoimentos citados acima, p1 cursa geografia na UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), com relação à formação docente diz que, “(...) ser professor é (...) transmitir algo para varias pessoas.” Essa resposta mostra que a professora desenvolve suas aulas a partir transmissão do conhecimento geográfico.

Essa prática se caracteriza por uma aprendizagem essencialmente descontextualizada, baseada em métodos e raciocínios geográficos descritivos, centralizados de forma excessiva no uso do livro didático, nos

questionários e correções: através da aplicação simplista dos conteúdos teóricos em detrimento de práticas metodológicas que leve ao aluno raciocinar a partir das representações sociais do espaço por ele vivido, através de suas idéias, de seus valores, de suas opiniões, de suas crenças, etc. (PESSOA, 2007, p.106)

Dessa forma, acreditamos que a aula expositiva é sem dúvida, uma das formas mais comuns de instrução utilizadas pelos professores, sendo vista como um método tradicional de ensino escolar.

Com relação a P2 que expressa, *“minha formação docente foi muito boa, cursei geografia na URCA, educar, missão árdua porém sublime. Então procuro desenvolver todas as potencialidades de cada um, respeitando sua liberdade individual.”* nota-se que, a professora argumenta em seu depoimento sobre a sua formação docente, e a importância de ser uma educadora.

Perguntamos às professoras do campo e da cidade: **Qual sua metodologia em sala de aula?** Conforme a pergunta, obtivemos as seguintes respostas.

*“Aula dinamizada, aula com slides, vídeo-aula”. (P1, Cidade).*

*“Estar coerente (metodologia) com os objetivos proposto e com o tipo de aprendizagem previsto nos objetivos assim adequando as necessidades dos alunos”. (P2, Campo).*

A professora de geografia (P1) procura utilizar em suas aulas metodologias baseadas em aulas dinamizadas, com a utilização de *slide* e vídeo. Em relação a P2 esta destacou que a escolha da metodologia deve estar de acordo com os objetivos e com as necessidades dos alunos, para que o aprendizado ocorra de forma significativa.

Neste sentido, perguntamos às professoras: **Você procura relacionar em suas aulas o conteúdo de geografia com a realidade dos alunos? Por quê?** Vejamos alguns depoimentos.

*“Sim, é necessário dar sentidos aos conteúdos, mostrando para os alunos os reflexos que eles têm na sua vida prática”. (P1, Cidade).*

*“Sim, porque a própria disciplina caracteriza com o meio natural e social do qual fazemos parte destes”. (P2, Campo).*

Os docentes P1 e P2, responderam que relacionam em suas aulas o conteúdo de geografia com o cotidiano dos alunos, desta forma, as aulas se tornam mais interessantes, chamam a atenção da turma e a estimula a dar opiniões, tornando o aluno um ser crítico e modificador da sociedade em que vive.

O conteúdo de geografia, por ser essencialmente social e ter a ver com as coisas concretas, que estão acontecendo e tem sua efetivação num espaço concreto aparente e visível, permite e encaminha o aluno a um aprendizado que faz parte da própria vida e como tal pode ser considerado em seu significado restrito e extrapolado para condição social da humanidade. (CALLAI, 2001, p.143)

Dessa forma, acreditamos que discutir assuntos de geografia, fazendo uma relação com o espaço vivido dos alunos é muito significativo, desperta mais interesse e motivação, podendo contribuir muito para a compreensão dos conteúdos científicos, além de possibilitar o auto-reconhecimento, o encontro com sua cultura, tornando o aluno mais seguro de si mesmo.

#### 4.4. A VISÃO DOS ALUNOS DO CAMPO E DA CIDADE SOBRE A METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA

Em relação aos alunos, o estudo se deu por meio da aplicação de um questionário (apêndice 2), contendo cinco perguntas, sendo essas objetivas e discursivas. O questionário discorre sobre o perfil das turmas e sobre a metodologia de ensino de geografia. Foi utilizada nesta pesquisa uma amostragem de quatro turmas do ensino fundamental, sendo duas turmas da zona rural e duas da zona urbana.

Conforme citado anteriormente, foi feita uma análise do perfil das turmas, a partir dos seguintes itens: idade, escola, lugar, série, turno e sexo. Para demonstrar os resultados obtidos em relação a esses itens e outro demais, vamos fazer uso a seguir de alguns quadros e gráficos.

**QUADRO – 2: Delineamento das turmas**

Escola	Lugar	Série	Turma	Turno	N.º de alunos	Sexo
<b>Tabelião</b>	Cidade	7º	Única	Manhã	37	16M/21F
<b>Antônio Amâncio</b>	Campo	7º	Única	Tarde	12	04M/08F
<b>Tabelião</b>	Cidade	8º	Única	Manhã	34	13M/21F
<b>Antônio Amâncio</b>	Campo	8º	Única	Tarde	14	07M/07F
Total					97	40M/57F

Fonte: Pesquisa “in loco” (2013)

Como podemos observar no quadro 2, foi ouvido um total de 97 alunos, sendo 45% do sexo masculino e 55% do sexo feminino, divididos em quatro turmas de ensino fundamental, sendo que duas delas localizam-se na cidade estabelecida no turno da manhã, e duas no campo no turno da tarde.

**QUADRO – 3: Idade dos alunos entrevistados**

Escola	Tabelião	Antônio Amâncio	Tabelião	Antônio Amâncio	N.º Absoluto	N.º %
<b>Série</b>	7º	7º	8º	8º		
<b>Idade</b>	Aluno	Aluno	Aluno	Aluno		
<b>11</b>	10	-	-	-	10	10,31%
<b>12</b>	20	5	16	2	43	44,33%
<b>13</b>	4	5	15	4	28	28,87%
<b>14</b>	2	1	1	7	11	11,34%
<b>15</b>	-	-	2	1	3	3,09%
<b>16</b>	-	1	-	-	1	1,03%
<b>Não res.</b>	1	-	-	-	1	1,03%
<b>Total</b>	37	12	34	14	97	100%

Fonte: Pesquisa “in loco” (2013)

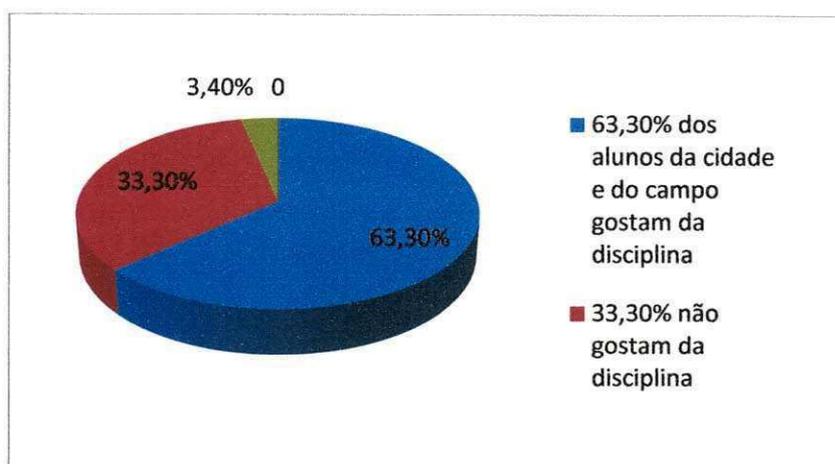
De acordo com a idade, podemos perceber que a maioria dos alunos entrevistados, está em idade escolar condizente com suas respectivas séries, (entre 11 e 13 anos), exceção feita a uma parte dos alunos da escola da zona rural Antônio Amâncio, que corresponde

respectivamente a 15,43 %, percentual correspondente as faixas etárias entre 14 e 16 anos. Este dado nos revela que existiu algum fator que interferiu na vida escolar destes alunos.

### **Você gosta da disciplina de geografia? Por quê?**

Essa foi a primeira pergunta do questionário, a qual proporcionou a elaboração do gráfico 1, exposto abaixo.

**GRÁFICO – 01: GOSTO PELA GEOGRAFIA**



**Fonte:** autor, 2013

A respeito do gosto pela geografia, observa-se no gráfico acima que 63,30% dos alunos da cidade e do campo gostam da disciplina, ou seja, a maioria dos alunos. 33,30% dos alunos afirmaram que não gostam da disciplina, e a outra parcela da turma não respondeu.

Os alunos que afirmaram gostar da disciplina de geografia se justificaram de várias formas: por considerar uma *disciplina fácil, interessante, importante, que trata assuntos do cotidiano, e porque pode se conhecer mais sobre o espaço geográfico, sobre a natureza, e sobre a sociedade.*

Constatamos, dessa maneira, que a maioria relacionou seu interesse pela disciplina por ela proporcionar conhecimentos sobre o espaço nos seus diversos aspectos. Por outro lado, os alunos que responderam não gostar da disciplina, em sua maioria, responderam que a *disciplina é difícil, chata e decorativa*; essa resposta pode refletir ainda uma Geografia Tradicional, que considera os conteúdos em si mesmos, desconectada da realidade, que, por esse motivo, não chama a atenção dos alunos.

A segunda pergunta do questionário foi: **Como você estuda para as provas de geografia?** A partir das respostas oferecidas elaborou-se o quadro a seguir:

**QUADRO – 4: A metodologia utilizada pelos alunos para estudar as provas de geografia**

	Cidade	Campo	Nº Absoluto	Nº Relativo (%)
<b>Decorando</b>	25	10	35	36,08%
<b>Construindo conhecimentos</b>	32	13	45	46,39%
<b>De outra forma</b>	14	3	17	17,53%
Total			97	100%

Fonte: pesquisa “in loco” (2013)

Ao questionar os educandos da cidade e do campo sobre a metodologia utilizada para estudar as provas de geografia, o menor percentual de alunos dessas escolas se mostraram aptos ao uso de outra forma, por meio de exercícios, revisão de conteúdo e trabalhos. Vejamos alguns depoimentos:

*“Leio o resumo e aprendo o conteúdo do livro didático.” (12 anos, Estadual).*

*“Estudo pelas atividades do caderno.” (13 anos, Estadual).*

*“Eu não decoro, apenas reviso o conteúdo.” (13 anos, Antônio Amâncio).*

*“Estudo com amigos (as), todos juntos aprendemos mais.” (14 anos, Antônio Amâncio).*

A análise das respostas permite abstrair que 35 (trinta e cinco) educandos, ou seja, 36,08% ao serem indagados sobre o método por eles utilizados para estudar a disciplina de geografia para as provas, responderam que optam pelo uso da memorização ou aprendizagem por repetição de conteúdos do livro didáticos, o que torna o ensino-aprendizagem em geografia enfadonha e desinteressante na vida do sujeito, levando-o a não gostar da geografia escolar. Como nos afirma Pessoa (2007, p. 106-107):

A utilização desse modelo de ensino baseado no tripé: descrição – informação -memorização implica em conseqüências nefastas para a vida dos alunos, posto que, eles não conseguem compreender de forma nítida a importância dos conteúdos geográficos para suas vidas e, sendo assim, passam a ter perante as aulas dessa disciplina, uma atitude puramente passiva, formalista, desprovido de qualquer interesse. Dessa forma, quando não quebram o protocolo pela chateação das aulas, apenas respondem de forma mecânica as exigências dos professores, sem se importar pelos os conteúdos em estudos, tendo como perspectiva somente obter a aprovação nas avaliações.

Dessa forma, podemos perceber que essa pratica metodológica tradicional ainda permanece nas escolas da cidade e do campo. A referida prática metodológica, baseia-se em métodos geográficos descritivos, elaboração de questionários e na transmissão de conhecimentos do livro didático, sem levar em conta as opiniões, idéias e valores dos alunos.

Outro percentual de alunos, 45 (quarenta e cinco), que corresponde a 46,39%, maioria dos educandos, responderam que estudam para as provas construindo novos conhecimentos a partir dos saberes dos livros didáticos com os seus saberes. Logo, acreditamos que muito desses alunos da cidade e do campo que marcaram essa opção, não sabia ao certo o que estava respondendo, ou seja, o significado da palavra construção de conhecimentos.

#### **A metodologia utilizada pelo professor (a) nas aulas de geografia é?**

Esta foi a terceira pergunta do questionário proposto aos alunos, a ser respondida mediante a escolha de uma das opções a seguir transcritas, o que nos possibilitou a construção Do quadro 05.

**QUADRO – 05: A metodologia utilizada pelos professores de geografia da cidade e do campo**

	<b>Cidade</b>	<b>Campo</b>	<b>Nº Absoluto</b>	<b>Nº Relativo (%)</b>
<b>Ótima</b>	27	18	45	46,40%
<b>Boa</b>	29	5	34	35,05%
<b>Regular</b>	15	3	18	18,55%
<b>Total</b>			97	100%

Fonte: Pesquisa “in loco” (2013)

Através da análise dos dados acima, percebe-se, sob o ponto de vista das argumentações dos educandos que 45 (quarenta e cinco), ou seja, 46,40% dos alunos declararam em suas respostas que a metodologia utilizada pelos professores (as) da cidade e do campo é ótima. No entanto, podemos perceber que a maioria desses alunos respondeu essa questão por sentir uma grande afeição ao professor. Vejamos alguns depoimentos apresentado pelos alunos:

*“é ótima, eu gosto muito da professora de geografia.” (13 anos, Estadual).*

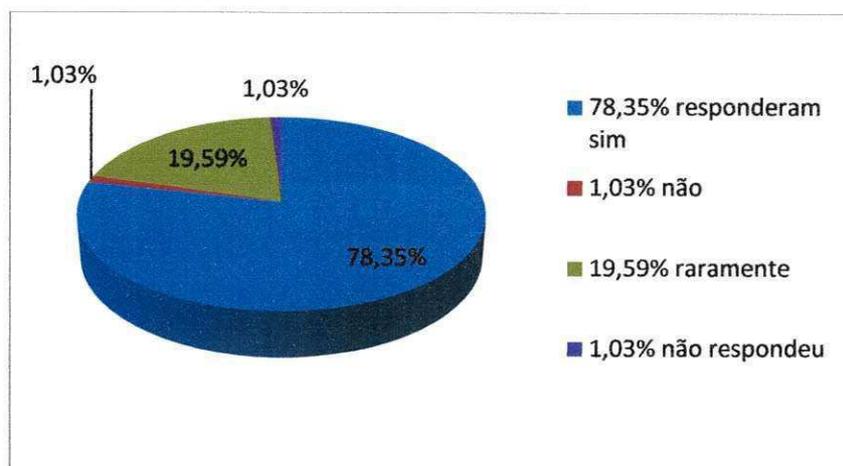
*“é ótima porque eu adoro as aulas da professora, é uma professora ótima.” (14 anos, Antônio Amâncio).*

Nesta questão, o equivalente a 35,05% afirmam que a metodologia utilizada pela professora da cidade e do campo é Boa. Isso significa que pela visão dos alunos da cidade e do campo que escolheram esta alternativa como resposta, a professora de geografia desenvolve em suas aulas uma metodologia que estimula o interesse e motivação nos alunos. Já 18,55% responderam que a metodologia utilizada pelas professoras da cidade e do campo é Regular, o que pode demonstrar a utilização de uma metodologia tradicional, com aula expositiva sem levar em conta a realidade do lugar.

### **Campo, cidade são assuntos discutidos nas aulas de geografia?**

Essa foi a quarta pergunta do questionário aplicados aos alunos, nos possibilitando a construção do gráfico 2.

## GRÁFICO – 02: CAMPO E CIDADE COMO CONTEÚDO DISCUTIDOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA



Fonte: autor, 2013

De acordo com o gráfico acima, o qual retrata a resposta dos alunos a indagação “campo e cidade são assuntos discutidos nas aulas de geografia?”, a maioria dos alunos 78,35%, do 7º e do 8º ano do ensino fundamental das escolas da zona urbana e rural respondeu “sim”. Então, concluiu-se que questionamentos sobre campo e cidade são debatidos nas aulas de geografia, chamando a atenção dos alunos e os levando a participar mais das aulas.

Dessa forma, o aluno se identifica e acaba criando um elo de aprendizagem com o conteúdo abordado, tornando o ensino muito mais proveitoso e participativo. Outra parcela dos educandos, 1,03%, respondeu “Não”, que campo e cidade não são discutidos nas aulas de geografia; outra grande parcela, 19,59%, respondeu raramente se discute esses temas; e 1,03% não respondeu.

**Pelo que você estudou/estuda em sala de aula diria que o ensino de geografia está muito ou pouco relacionado ao seu cotidiano? Comente sua resposta.**

Essa foi à quinta pergunta do questionário apresentada aos alunos, a qual nos proporcionou a elaboração do quadro 5, exposto adiante.

**QUADRO – 6: Relação do ensino de geografia com a realidade/cotidiano dos alunos**

	<b>Cidade</b>	<b>Campo</b>	<b>Nº Absoluto</b>	<b>Nº Relativo (%)</b>
<b>Muito relacionado</b>	39	20	59	60,82%
<b>Pouco relacionado</b>	32	5	37	38,15%
<b>Não respondeu</b>	-	1	1	1,03%
<b>Total</b>			97	100%

Fonte: Pesquisa “in loco” (2013)

De acordo com o quadro acima, 60,82% dos alunos afirmou em suas respostas que o ensino de geografia praticado em sala de aula está muito relacionado com a sua realidade/cotidiano. Vejamos o que diz a fala desses alunos:

*“Está muito relacionado, porque fala sobre o campo a cidade e sobre a privatização da natureza o clima a vegetação. e isto está no nosso cotidiano.” (12 anos, Tabelaão).*

*“Muito, porque o que a gente estuda nas aulas de geografia como, por exemplo: o aquecimento global a desigualdade mundial e guerras etc. estão relacionados a novos conhecimentos e etc.” (13 anos, Tabelaão).*

*“Está muito relacionado, não só porque fala do campo e da cidade, mas sim, fala sobre cada um, fazendo disso aprendizado.” (12 anos, Tabelaão).*

*“Muito, a geografia mostra como as divisões que existem no mundo aconteceu, e como funciona a sociedade.” (13 anos, Tabelaão).*

*“Muito, pois me ajuda a ler mapas e assim posso me localizar.” (13 anos, Tabelaão).*

*“Está muito relacionado, pois a geografia fala de estados, capitais e países e nisso a gente aprende onde mora e em que região etc.” (12 anos, Tabelaão).*

*“Está muito relacionado, porque a geografia nos ensina a conhecer melhor o mundo na qual fazemos parte.” (12 anos, Antônio Amâncio).*

*“Está muito relacionado com o nosso cotidiano, pois fala sobre problemas ambientais, poluição, fala sobre o problema do lixo, desmatamento, queimadas e guerras. E isso está no nosso dia-a-dia. (13 anos, Antônio Amâncio).*

*“Muito, porque fala sobre serras, vegetação, cidades, campos, climas e etc. (13anos, Antônio Amâncio).*

*“Muito pois o estudo da geografia é que pode identificar os problemas de antes e depois dependendo dos séculos(13 anos, Antônio Amâncio).*

Podemos observar que a maioria dos alunos na cidade e no campo consegue estabelecer e explicar a relação do ensino de geografia com sua realidade cotidiana, bem como, percebe como a geografia vivida no cotidiano, ou seja, como o saber geográfico praticado na sala de aula pode contribuir para o desenvolvimento da cidadania. No entanto, 38,15% dos alunos da cidade e do campo declararam em suas respostas que o ensino de geografia está pouco relacionado com o cotidiano. Destacamos alguns depoimentos:

*“Está pouco relacionado com meu cotidiano. Porque geografia é como as outras matérias não estão no nosso dia-a-dia.” (12 anos, Tabelaão).*

*“Está pouco relacionado com nosso cotidiano, pois não estudamos muito sobre o nosso dia-a-dia e sim a formas do passado exemplo: os métodos como as pessoas faziam as coisas o poder político e etc.” (12 anos, Tabelaão).*

*“Está pouco relacionado porque eu acho que não tem muito haver com minha vida pessoal.” (13 anos, Tabelaão).*

*“Pouco, porque o que estudamos às vezes fala sobre assuntos distante do cotidiano como, a democracia e nos estamos hoje no mundo democrático.” (12 anos, Tabelaão).*

*“Pouco, a aula de geografia só costuma trabalhar mapas e etc.” (13 anos, Tabelaão).*

*“Pouco, porque a geografia que estudamos não trata muito sobre a nossa região, sobre os problemas ambientais e etc.” (13 anos, Tabelaão).*

*“Pouco, porque não tem quase nada relacionado ao meu cotidiano.” (12 anos, Tabelaão).*

*“Atualmente a geografia está pouco relacionado, meu dia-a-dia não envolve muito sobre territórios, mapas e climas.” (12 anos, Tabelaão).*

*“Está pouco relacionado com meu cotidiano, porque nem tudo que estudo eu conheço.” (14 anos, Antônio Amâncio).*

*“Está pouco relacionado porque assuntos como clima, vegetação, desmatamento e guerras não está sendo visto nas aulas.” (12 anos, Antônio Amâncio).*

Por fim, acreditamos que para tornar as aulas de geografia na cidade e no campo mais significativas e interessantes é necessário que os professores não deixem de trabalhar assuntos relacionados à realidade local de seus alunos, o que facilitará o aprendizado destes, possibilitando uma maior compreensão pelos alunos do seu papel como sujeitos ativos na construção do espaço em que vivem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa nos levou a conhecer como se desenvolve a metodologia de ensino de geografia no ensino fundamental nas escolas da rede pública do campo e da cidade no município de Aurora-CE. Permitiu-nos, dessa forma, apontar algumas dificuldades enfrentadas pelos professores para utilizar metodologias renovadas nas aulas de geografia o que pode ser resultante da falta de interesse manifesto pelos alunos, comodismo dos professores, carga horária excessiva e etc.

Podemos também refletir sobre a interferência da formação de professores na metodologia empregada nas aulas de geografia do campo e da cidade. Some-se a isso o fato de que os cursos superiores de licenciatura em geografia vêm apresentando problemas estruturais com surgimento de faculdades privadas e ensino a distancia, desprovidas de infraestrutura básica para um funcionamento adequado.

Acreditamos que a formação profissional desqualificada que não possuem um padrão mínimo de qualidade tem contribuído, para o não desenvolvimento de metodologias renovadas nas aulas de geografia escolar do campo e da cidade. Metodologia que desperte curiosidade e interesse nos alunos a participarem das aulas de geografia.

Constatamos que é de suma importância aplicar e relacionar os conteúdos geográficos com o cotidiano dos alunos, trazer para as aulas de geografia do campo e da cidade experiências cotidianas do lugar onde moram. Acreditamos que essa pratica metodológica pode contribuir para um ensino mais voltado para a realidade dos alunos, que desperte mais interesse, refletindo num posicionamento crítico diante da sociedade.

Nota-se que a geografia tradicional, pautada na memorização, descrição e transmissão de conhecimento ainda é presente nas escolas brasileiras no campo e na cidade. Limitada a conteúdos temáticos dos livros didáticos que são descontextualizados da realidade dos sujeitos.

Com esta pesquisa, foi também possível concluir que a metodologia de ensino de geografia do campo e da cidade, deve ser repensada e modificada para atender as necessidades dos alunos. É necessário ainda que sejam utilizadas metodologias renovadas, com conteúdos atualizados, aulas mais dinâmicas e capazes de envolver os alunos como sujeitos daquele conteúdo.

## REFERÊNCIAS

BUENO, Rovilson; SILVA, Adelaide P. da educação para convivência com o semiárido brasileiro. In: BATISTA, Maria do Socorro Xavier, JEZINE, Edneide; MORREIRA, Orlandil (orgs.). **Educação popular e movimentos sociais: dimensões educativas na sociedade globalizada**. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2008.

CALLAI, Helena Copetti. **Geografia um certo espaço/uma certa aprendizagem**. 1995. 280f. (Tese de Doutorado) – Departamento de geografia da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

CALLAI, H. C.; CASTROGIOVANI, A. C. (org.). estudar o lugar para compreender o mundo. In. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: mediação, 2000. P.83-92

CALLAI, Helena Copetti. **A geografia e a escola: muda a geografia muda o ensino?** Terra Livre, São Paulo, n.16, p 135-152, 1º semestre/2001.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de geografia: recortes especiais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (ital.) (org.) **geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4ed. Porto Alegre UFRGS/AGB, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: labur edições, 2007.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Para entender a necessidade de praticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos, KAERCHER, Nestor André (orgs). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e pratica de ensino**. Goiânia: alter- nativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A formação de professores de geografia: o lugar da prática de ensino**. In: ARANTES, Elianda F.; CHAVES, Sandramara Matias (org.) concepções e praticas em formação de professores: diferentes olhares. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, SONIA (org.) **educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: contexto, 2005.

KAERCHER, Nestor André. A geografia é o nosso dia-a-dia. In: **geografia em sala de aula: práticas e reflexões/org.** Antônio Carlos Castrovanni... [ET al.] – 2. Ed. – Porto Alegre: Editora da Universidade /UFRGS/ Associação dos geógrafos Brasileiros. Seção Porto Alegre. 1999.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino – aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHKA, Nidia Nacib (org.) **geografia em perspectiva.** Contexto, P.221-231, 2002.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e Utopias no ensino de geografia.** 1. Ed. Santa Cruz do Sul: EDU NISC, 2003.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino aprendizagem de geografia/Nestor André Kaercher. In: **geografia em perspectiva: ensino e pesquisa/Nidia Nacib Ponthusca, Ariovaldo Umbelino de Oliveira.** 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHKA, N. C. OLIVEIRA, A. U. **Geografia em perspectiva.** 3ed. São Paulo: 2006.

KOLLING, Edgar Jorge (org.). **por uma educação do campo,** livro nº4. Educação do campo: identidade e políticas pública, 2002.

KOZEL, Salete; FILIZOLA, Roberto. **Didática da terra:** o espaço vivido. São Paulo: FTD, 1996.

LUCAS, Rosa Elane Antoria. **Educação formal/rural permeando relações do campo:** um estudo de caso na escola estadual de ensino fundamental cândida Silvera Haubmann – tempo Integral – arroio Grande/RS Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, programa de pós-graduação em agronomia. Pelotas, 2008.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

MOURA, Edinara Alves. **Lugar, saber social e educação no campo:** o caso da escola municipal de ensino fundamental José Paim de Oliveira- distrito de São Valentim, Santa Maria RS. 2009. 199f. (Dissertação Mestrado em geografia, área de concentração em sociedade e Meio Ambiente, da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM – RS, 2009.

NUNES, Adão Cícero Ferreira. **As dificuldades de ensinar**/Adão Cícero Ferreira Nunes. Geografia – Londrina – v. 13 – N° 1 – Jan./Jun. 2004. Disponível em: <HTTP://www.geo.uel.br/revista>

NUNES, Adão Cicero Ferreira. **Geografia**. Londrina. v.13, n.1 disponível em: < <HTTP://www.geovel.br/revista>. acesso em: 15 abr. 2008.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Ensino de geografia: horizontes no final do século**. Boletim paulista de geografia. São Paulo: AGB, p.04-27, 1994, n.72.

OLIVEIRA, Elvira de. Geografia: o Brasil e o mundo em detalhes. Coleção fique por dentro. São Paulo: Klick, 2001.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Educação e ensino de geografia na realidade brasileira. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** 9ªed. São Paulo: contexto, 2005.

OLIVEIRA, Marlene Macário de. **As representações sociais da geografia escolar: um olhar sobre a prática didático-pedagógica**. 2006. 116f. dissertação (mestrado em geografia) \_ Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

PALMA FILHO, J. C. A política nacional de formação de professores. In: BARBOSA, R. L. L. (org.). **trajetórias e Perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: UNESPI, p.145-167, 2004.

PEREIRA, Diamantino. **Geografia escolar: uma questão de identidade**. In: Cadernos CEDES. (39): p.47–56, dez. 1996.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. 2007. Dissertação de (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Paraíba, 2007.

PESSÔA, Vera Lucia Salazar. In. <WWW.ig.ufu.br/coloquio/textos/vera%20L%20Facia%20Salazar%20Pess%F4a-pdf> acessado em 17/02/2013.

PIRES, Lucineide Mendes. **A prática pedagógica do professor de geografia do ensino fundamental**. 2009. 164f. Il. , qds. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás. Instituto de Estudos Socio-Ambientais, 2009.

POSTUSCHKA, N. H. PAGANELLI, T. 1; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. 3ed. São Paulo: Cortez, 2009.

QUELUZ, Ana Gracinda. **O trabalho docente. Teoria e prática**. São Paulo: Editora Guazzelli, 1999.

SOBRINHO, J. D. (2010). **“Avaliação e transformações de educação superior brasileira (1995-2009): do provão ao sinais”**. Avaliação, V.15 (1), 195-224, 2010.

TAPIA, Jesus Alonso; FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula**. O que é, como se faz. São Paulo: Edições Layola, 1999.

VESENTINI, José William. **O ensino de geografia no século XXI**. Caderno prudentino de geografia: geografia e ensino, Presidente Prudente: AGB, n.17, p.05-19, 1995.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino de geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. **A geografia na sala de aula**. São Paulo, Contexto, p.12-20, 2001.

VESENTINI, José William. **A formação do professor de geografia: algumas reflexões**. In: PONTUSCHKA, N, N; OLIVEIRA. A. V. de (org.). geografia em perspectiva. 3. Ed. São Paulo: contexto, p. 234-234, 2006.

VESENTINI, José William. Realidades e perspectivas do ensino de geografia no Brasil. In: **O ensino de geografia no século XXI**. 3ed. Campinas/SP: Papyrus, p.219-248, 2007.

VESENTINI, José William. **Para uma geografia crítica na escola**. Editora do Autor. São Paulo, 2008.

VIERA, Noêmia Ramos. **As questões das geografias do ensino superior e do ensino fundamental a partir da formação continuada do professor e das categorias lugar, paisagem, território e região: um estudo da diretoria regional de ensino de Marília-SP**. 2007. 200F. Tese (Doutorado em geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente-SP, 2007.

# APÊNDICE

**Apêndice 1****QUESTIONÁRIO DO/A PROFESSOR/A**

Caro professor (a)

As perguntas listadas abaixo servirão somente para fins de pesquisa, em nenhum momento suas respostas serão julgadas como certas ou erradas não deixe resposta em branco, se tiver alguma dúvida em responder pergunte-me.

Agradecemos a sua colaboração!

Escola: \_\_\_\_\_

Serie \_\_\_\_ Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Turno: \_\_\_\_\_ idade \_\_\_\_\_ sexo \_\_\_\_\_

**ATENÇÃO: RESPONDA O QUESTIONÁRIO COM SINCERIDADE.**

01. Você sente feliz em ser professor (a) de geografia?

---

---

---

02. Por que você escolheu essa profissão?

---

---

---

03. Qual a sua opinião em relação a sua formação docente?

---

---

---

04. Qual é a sua metodologia em sala de aula?

---

---

---

05. Você procura relacionar em suas aulas o conteúdo de geografia com a realidade dos alunos? Por que?

---

---

---

## Apêndice 2

### QUESTIONÁRIO DO/A ALUNO/A

#### Caro aluno (a)

As perguntas listadas abaixo servirão somente para fins de pesquisa, nem você e nem os seus professores estão sendo avaliados. Em nenhum momento suas respostas serão julgadas como certas ou erradas.

Para responder o questionário, reflita sobre as suas aulas de Geografia, não deixe resposta em branco, se tiver alguma dúvida em responder pergunte-me.

Agradecemos a sua colaboração!

Escola: \_\_\_\_\_

Onde mora: Campo ( ) Cidade ( )

Série: \_\_\_\_\_ Turno: \_\_\_\_\_ idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

#### **ATENÇÃO: RESPONDA O QUESTIONÁRIO COM SINCERIDADE.**

01. Você gosta da disciplina de geografia? Por quê?

( ) Sim                      ( ) Não

\_\_\_\_\_

02. Como você estuda para as provas de Geografia?

( ) Decorando os conteúdos do seu livro didático;

( ) Construindo novos conhecimentos a partir dos saberes do livro didático com os seus saberes.

( ) De outra forma.

Qual? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

03. A metodologia utilizada pela professora nas aulas de geografia é:

Ótima       Boa       Regular

04. O campo, a cidade são assuntos discutidos na aula de geografia?

- Sim  
 não  
 Raramente

05. Pelo que você estudou/estuda em sala de aula diria que o ensino de geografia está muito ou pouco relacionado com seu cotidiano? Comente sua resposta.

---

---

---